

**FACULDADE CAPIXABA DA SERRA-MULTIVIX
PEDAGOGIA**

**GRAZIELLE DOS SANTOS BATISTA
JOSIELE SANTANA
MARISTELA ALVES DO CARMO
PRISCILA DOURADO DOS SANTOS**

**ANALFABETISMO UMA PROPOSTA ANTIGA E UM
PROBLEMA ATUAL**

SERRA
2014

**GRAZIELLE DOS SANTOS BATISTA
JOSIELE SANTANA
MARISTELA ALVES DO CARMO
PRISCILA DOURADO DOS SANTOS**

**ANALFABETISMO UMA PROPOSTA ANTIGA E UM
PROBLEMA ATUAL**

Projeto de Pesquisa apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso TCC II do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – Multivix, sobre a orientação da Prof.^a Geruza Ney Alvarenga.

SERRA
2014

Dedicamos este trabalho primeiramente a Deus por ter nos dado forças e saúde nos capacitando para a realização desse sonho, nossos familiares, companheiros e amigos que participaram ativamente nos dando apoio nos momentos de angústias. Em especial a Faculdade Multivix, que mesmo com todas as dificuldades podemos mostrar que somos capazes de lutar, conquistar e construir nossa história.

Agradecimentos

Agradecemos à Deus pela direção, por ter-nos dado paz e principalmente ter guiado os nossos passos e nos dado condição de concluir esse curso.

Agradecemos aos nossos familiares, amigos por ter nos apoiado e nos acompanhado em nossos trabalhos.

Agradecemos a todos os nossos professores, em especial à professora Geruza Ney Alvarenga não nos deixando desanimar com este TCC II, nos ajudando com suas sugestões e críticas construtivistas.

ANALFABETISMO UMA PROPOSTA ANTIGA E UM PROBLEMA ATUAL

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra - Multivix, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em ____ de Julho de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Mestre Geruza Ney Alvarenga
Faculdade Capixaba da Serra – Multivix
Orientadora

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca da Faculdade Capixaba da Serra - Multivix. Serra, ES.).

SANTOS, Grazielle dos.

S237e EJA. / Josiele Santana; Maristela Alves; Priscila Dourado dos Santos. – Serra: Faculdade da Serra, 2014.

52fls.

Orientador: Professora Geruza Ney Alvarenga

Trabalho de conclusão de curso (Curso de Pedagogia) –
Faculdade Capixaba da Serra – Multivix 2014.

1. Educação de jovens e adultos (EJA). 2. Alfabetização de adultos. I. Alvarenga, Geruza Ney. II. Faculdade Capixaba da Serra - Multivix. III. Curso de Pedagogia. IV. Título.

CDD: 374

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo mostrar que a erradicação do analfabetismo é uma proposta antiga, porém está longe de ser alcançada. Apresentamos a Educação de Jovens e Adultos, bem como seu histórico ao longo dos períodos da história deste País, a metodologia utilizada nesta modalidade e as razões que levam à evasão escolar. Caracterizamos os sujeitos da EJA, nos baseando em diversos autores que tratam sobre essa temática. Por fim concluímos que é necessário repensar a metodologia aplicada na Educação de Jovens e Adultos, bem como a didática utilizada por professores em sala de aula.

Palavras Chaves: Evasão escolar, Educação de jovens e adultos, Analfabetismo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL	11
2.1 Início da alfabetização de jovens e adultos	12
2.2 Campanha de educação de jovens e adultos	13
2.3 Plano nacional de alfabetização	14
2.4 Mobral	15
2.5 EJA – Educação de jovens e adultos	17
3 EVASÃO ESCOLAR.....	20
3.1 Evasão escolar na educação de jovens e adultos	26
4 METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	29
4.1 A formação do professor na educação de jovens e adultos.....	30
4.2 Educação de jovens e adultos no Espírito Santo	31
5 PESQUISA, ANÁLISE E RESULTADOS	33
5.1 Pesquisa de campo.....	33
5.1.1 A escola	34
5.1.2 Sujeitos da pesquisa	34
5.1.3 Entrevista com professores.....	34
5.1.4 Entrevista com os alunos	36
5.2 Análise e resultados	38
5.2.1 Análise da entrevista com professores	39
5.2.2 Análise da entrevista com os alunos.....	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXO.....	49

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar a trajetória e evolução da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, desde a época Colonial até os dias atuais. Apresentamos toda a complexidade que envolve a EJA, sua relação com o Estado, economia, com fatores ideológicos e entidades governamentais e não governamentais.

Apresentamos o histórico da EJA, em que condições se deram a criação deste projeto, quais eram os índices de analfabetismo antes da EJA e como está atualmente.

Descrevemos a metodologia utilizada pela EJA, as propostas apresentadas pelo Governo, como as escolas e como os professores têm trabalhado essa didática, os índices de analfabetismo e qual região no Brasil com maior índice de analfabetismo.

Por meio, deste trabalho, é possível entender e conhecer o contexto social no qual está inserido o público alvo (jovens e adultos não alfabetizados), bem como, as razões que os levaram a evadir da escola e também que mudanças a EJA trouxe para a vida destas pessoas.

Porque apesar de projetos e propostas ainda temos tantos analfabetos no Brasil? O objetivo deste trabalho é mostrar que, a erradicação do analfabetismo é uma proposta antiga, que consta desde a Constituição de 1934, e apesar de todos os esforços empreendidos, ainda assim, o Brasil consta em 8º país com maior número de analfabetos adultos, conforme pesquisa realizada pela UNESCO em janeiro deste ano.

A importância desta pesquisa se faz necessária, para nos conscientizarmos que, o método de ensino proposto para jovens e adultos deve ser diferenciado do ensino tradicional que é ministrado em diversas escolas, esse público específico, necessita de uma metodologia dinâmica, que venha somar à vivência de cada um o conhecimento científico adquirido através de pesquisa e atividades em grupo.

Temos evidenciado atualmente que, alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever ou simplesmente ser capaz de realizar um simples cálculo matemático, mas alfabetizar é muito mais complexo, consiste em formar cidadãos conscientes de seus deveres e principalmente direitos, um país com índice elevado de adultos analfabetos é um país pobre e se essa realidade não for mudada, começando em cada um de nós, esse país estará fadado ao fracasso.

Para estruturar a pesquisa, foi utilizado material bibliográfico com essa temática, abordada por diversos autores, que apontam os principais fatores que levam a evasão escolar.

Foi utilizado também para diretrizes lógicas e metodológicas, o livro de Pesquisa Social: teoria, método e criatividade da autora Maria Cecília de Souza Minayo (1996).

No capítulo II, foi abordado o histórico da EJA, sua relação com o Estado e economia, iniciando desde a época do Brasil colônia e toda a sua trajetória até o ano de 2003 quando o governo lançou o programa Brasil Alfabetizado, as diretrizes que dão embasamento a EJA.

No capítulo III, abordamos sobre a evasão escolar, a região brasileira com maior índice de analfabetos.

No capítulo IV, trabalhamos a metodologia utilizada pela EJA e foi exposto o método de trabalho do professor da EJA.

No capítulo V, apresentamos a análise dos dados coletados através da pesquisa de campo, realizada através de questionários que vem para corroborar com o trabalho aqui proposto.

Concluimos o trabalho apresentando nossas considerações finais com base na pesquisa proposta e pelos dados coletados.

2 ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Através da trajetória da alfabetização de uma nação se torna possível fixar um paralelo com a história do país. Por isso faz-se necessário conhecer a evolução da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, para que se compreenda o problema do analfabetismo, o que já vem se arrastando há aproximadamente quatro séculos. As primeiras iniciativas de ensino de jovens e adultos no Brasil se deram no período colonial, com a chegada dos jesuítas, porém, não houve prioridade para índios e negros adultos.

Os jesuítas ensinavam a população com base em princípios religiosos, repassando regras comportamentais e ensinando profissões importantes para o desenvolvimento da economia colonial, o método era todo oral, pois a população ainda não tinha escola nem sabiam escrever.

No Brasil Colônia, a referência à população adulta era apenas de educação para a doutrinação religiosa, abrangendo um caráter muito mais religioso que educacional. Nessa época, pode-se constatar uma fragilidade da educação, por não ser esta responsável pela produtividade, o que acabava por acarretar descaso por parte dos dirigentes do país (CUNHA, 1999).

De acordo como Paiva (1987), ao analisar os registros históricos, percebe-se que durante quase quatro séculos, no Brasil, prevaleceu o domínio da cultura branca, cristã, masculina e alfabetizada sobre a cultura dos índios, negros, mulheres não alfabetizados, que gerou o desenrolar de uma educação seletiva, discriminatória e excludente, que mantém similaridades até os dias de hoje.

Este ensino não deve ser menos obrigatório que o da meninice. Como a lei obriga o adulto a trabalhar pode obrigá-lo a aprender, porque uma coisa é tão moralizadora quanto a outra. Além do que já mostrei que sem instrução nenhum trabalho pode ser profícuo.

Também não há inconveniente em que as escolas dos adultos sejam comuns a ambos os sexos. Havendo fiscalização e rigor, e dando os professores bons exemplos de respeito e decência, homens e mulheres aprenderão juntamente sem faltar aos deveres da mais severa moralidade. (ALMEIDA, 2003, p. 178).

Diversos autores apontam que as causas para se explicar o fracasso na educação de jovens e adultos são fatores sociais e políticos.

2.1 Início da alfabetização de jovens e adultos

A Constituição Brasileira de 1824 cita à instrução primária gratuita para todos os cidadãos, houve, porém um extenso período no Brasil em que o acesso à educação era somente para a elite, que era a minoria. Aos poucos foi crescendo o índice de pessoas não alfabetizadas. Conforme o censo de 1920, 72% da população acima de cinco anos de idade, nunca tinham freqüentado a escola.

Em 1930 com a revolução, iniciou-se uma mudança no setor público no Brasil e conseqüentemente a população brasileira passou por uma grande mudança devido ao processo de industrialização.

Segundo CUNHA (1999), com o desenvolvimento industrial, no início do século XX, inicia-se um processo lento, mas crescente, de valorização da educação de adultos. Porém, essa preocupação trazia pontos de vista diferentes em relação à educação de adultos, quais sejam: a valorização do domínio da língua falada e escrita, visando o domínio das técnicas de produção; a aquisição da leitura e da escrita como instrumento da ascensão social; a alfabetização de adultos vista como meio de progresso do país; a valorização da alfabetização de adultos para ampliação da base de votos.

Em 1934 com a promulgação da Constituição, foi definido o ensino obrigatório tanto para crianças quanto para adultos. Consta também nessa promulgação, o direito do estudante a ter acesso ao livro didático e ao dicionário de língua portuguesa. Na Constituição de 1934 é que consta pela primeira vez, a necessidade de conceder educação básica aos jovens e adultos que não freqüentaram a escola quando crianças, fechando a partir de então, uma ideologia de que a escola era necessária apenas para crianças.

A partir do ano de 1940, com recenseamento, foi divulgado que 55% dos brasileiros com mais de dezoito anos, não eram alfabetizados, isso gerou uma mobilização nacional para combater o analfabetismo no país. Essa iniciativa estava ligada às campanhas da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), aos países com grandes desigualdades sociais, isso fez com que fosse realizado um projeto de implantação de uma rede de ensino primário supletivo para adultos não alfabetizados no Brasil.

2.2 Campanha de educação de adultos

Em 1945, com fim da ditadura de Vargas, houve a necessidade de aumentar as bases eleitorais para sustentar o governo central e acima de tudo incrementar a produção, o país encontrava-se em um processo de redemocratização, portanto fez-se necessário oferecer instrução mínima a população.

Em 1947, iniciou-se em todo país a 1ª Campanha de educação de adultos, idealizada por Lourenço Filho, com base no método de Laubach, cujos estudos foi fundamentados na psicologia experimental. Essa campanha consistia em: alfabetizar os adultos analfabetos no país em três meses, oferecia um curso primário em duas etapas de sete meses e a capacitação profissional e o desenvolvimento da comunidade. Nessa época, o analfabetismo era visto como causa (e não como efeito) do escasso desenvolvimento brasileiro. Além disso, o adulto analfabeto era identificado como elemento incapaz e marginal psicológica e socialmente, submetido à menoridade econômica, política e jurídica, não podendo, então, votar ou ser votado (CUNHA, 1999).

Para Ribeiro, promover a alfabetização é mudar a consciência de uma pessoa, reintegrando-a ao meio em que vive e colocando-a no mesmo plano de conhecimento de direitos fundamentais.

O Primeiro guia de leitura, distribuído pelo ministério em larga escala para as escolas supletivas do país, orientava o ensino pelo método silábico. Consistia no uso de uma cartilha padronizada, com lições de ênfase na organização fonética das palavras. As lições partiam de palavras-chave selecionadas e organizadas segundo as características fonéticas. A função dessas palavras era remeter aos padrões silábicos, como foco de estudo. As sílabas deveriam ser memorizadas e remontadas para formar outras palavras. As primeiras lições também continham pequenas frases montadas com as mesmas sílabas. Nas lições finais, as frases compunham pequenos textos contendo orientações sobre preservação da saúde, técnicas simples de trabalho e mensagens de moral e civismo (RIBEIRO, 1997, p. 29).

Desta forma, a educação de adultos estruturou-se em atividades de alfabetização, códigos lingüísticos e transmitiam também, valores culturais que promoviam a participação social, uma vez que essa alfabetização estava voltada a integrar os

adultos iletrados no meio em que viviam, ensinando-lhes, principalmente a leitura, a escrita e o cálculo matemático.

Na primeira década de sua existência a Campanha de Educação de Adultos obteve êxito, pois houve aumento das classes e escolas, o que ocasionou um número maior de adultos alfabetizados. Ocorreu, porém que, com o passar dos anos, a execução da campanha foi se tornando mais descentralizada, e com a mudança de governo, houve redução na verba, ficando esse processo de alfabetização dependente de doações e dos trabalhos voluntários da base popular.

Outras campanhas foram organizadas pelo Ministério da Educação e Cultura: em 1952, a Campanha Nacional de Educação Rural e, em 1958, a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, no entanto, ambas tiveram uma vida curta e pouco acrescentaram, pois a preocupação do governo estava em diminuir os índices de analfabetismo do que oferecer qualidade na educação, e emancipação política e cultural da população.

No fim do ano de 1950, insatisfações crescentes à Campanha de Educação de Adultos, tanto no que se referia às deficiências administrativas e financeiras, quanto ao seu método pedagógico, as críticas iam desde o aprendizado superficial, que se concluía em curto tempo ao método inadequado de ensino para população adulta e também o uso do mesmo material didático para as diversas regiões do país.

2.3 Plano nacional de alfabetização

Em janeiro de 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, com a proposta orientada por Paulo Freire, esse plano contava em grande parte com alfabetizadores populares, com participação de estudantes, sindicatos e diversos grupos incentivados pela movimentação política da época, o que seria suspenso meses depois pelo Golpe Militar.

A multiplicação dos programas de alfabetização de adultos, secundada pela organização política das massas, aparecia como algo especialmente ameaçador aos grupos direitistas; já não parecia haver mais esperança de conquistar o novo

eleitorado [...] a alfabetização e educação das massas adultas pelos programas promovidos a partir dos anos 60 aparecia como um perigo para a estabilidade do regime, para a preservação da ordem capitalista. Difundindo novas idéias sociais, tais programas poderiam tornar o processo político incontrolável por parte dos tradicionais detentores do poder e a ampliação dos mesmos poderia até provocar uma reação popular importante a qualquer tentativa mais tardia de golpe das forças conservadoras (PAIVA, 1987, p.259).

Com o Golpe Militar, houve conseqüentemente uma reorganização política no País, a fim de favorecer o crescimento capitalista, com isso a educação de jovens e adultos passou por um período de fortes repressões, grupos, pessoas que trabalhavam com a educação social passaram a ser perseguidos, alguns foram exilados, houve também a proibição de livros, que foram apreendidos por conterem teor comunista, isso era uma ameaça ao regime recém instalado.

No ano de 1966, o movimento de alfabetização foi extinto em alguns estados brasileiros, em 1967, o governo militar tomou para si a alfabetização de jovens e adultos, promovendo o “Movimento Brasileiro de Alfabetização” (MOBRAL). “Com isso, as orientações metodológicas e os materiais didáticos esvaziaram-se de todo sentido crítico e problematizador proposto anteriormente por Freire” (CUNHA, 1999, p. 22).

2.4 Mobral – movimento brasileiro de alfabetização

Esse movimento foi criado pelo governo militar em resposta à preocupante situação do analfabetismo no país, o objetivo era erradicar o analfabetismo e proporcionar uma educação continuada aos jovens e adultos. Com esse programa veio a necessidade de prosseguimento a escolarização e com isso veio o Ensino Supletivo, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692, de 1971, que foi uma oportunidade de reinserção escolar para aqueles que não tiveram condições de estudar no período certo.

A multiplicação dos programas de alfabetização de adultos, secundada pela organização política das massas, aparecia como algo especialmente ameaçador aos grupos direitistas; já não parecia

haver mais esperança de conquistar o novo eleitorado [...] a alfabetização e educação das massas adultas pelos programas promovidos a partir dos anos 60 aparecia como um perigo para a estabilidade do regime, para a preservação da ordem capitalista. Difundindo novas idéias sociais, tais programas poderiam tornar o processo político incontrolável por parte dos tradicionais detentores do poder e a ampliação dos mesmos poderia até provocar uma reação popular importante a qualquer tentativa mais tardia de golpe das forças conservadoras (PAIVA, 1987, p.259).

As técnicas usadas no plano de alfabetização do Mobral consistiam, em palavras preestabelecidas, escritas em cartazes com as famílias fonéticas, quadros de descoberta, muitos afirmam que esse método era bastante parecido com a metodologia utilizada por Paulo Freire.

Codificações, palavras geradoras, cartazes com as famílias fonêmicas, quadros ou fichas de descoberta e material complementar estão presentes na sua pedagogia. Na pedagogia de Paulo Freire há uma equipe de profissionais e elementos da comunidade que se vai alfabetizar, para preparação do material, obedecendo os seguintes passos: a. levantar o pensamento-linguagem a partir da realidade concreta; b. elaborar codificações específicas para cada comunidade, a fim de perceber aquela realidade e, c. dessa realidade destaca-se e escolhe as palavras geradoras. Todo material trabalhado é síntese das visões de mundo educadores/educando. No método de Paulo Freire, a palavra geradora era subtraída do universo vivencial do alfabetizando. Em Paulo Freire a educação é conscientização. É reflexão rigorosa e conjunta sobre a realidade em que se vive, de onde surgirá o projeto de ação. A palavra geradora era pesquisada com os alunos. Assim, para o camponês, as palavras geradoras poderiam ser enxada, terra, colheita, etc.; para o operário poderia ser tijolo, cimento, obra, etc.; para o mecânico poderiam ser outras e assim por diante. (BELLO, 1993).

Com a recessão econômica que teve início nos anos 80 tornou-se inviável a continuidade do Mobral, que demandava altos custos para se manter. Sem credibilidade nos meios políticos e educacionais, o Mobral foi extinto em 1985. Dando lugar a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Fundação Educar), que cedeu seus direitos de executar os programas, passando a apoiar financeira e tecnicamente as iniciativas não governamentais (ONGs), entidades civis e empresas conveniadas. Houve, portanto a retirada da responsabilidade do Estado em relação a essa modalidade de educação.

Em 1990, foi realizada em Jomtiem, Tailândia uma Conferência Mundial de Educação para Todos, que enfatizou o problema do analfabetismo no mundo, e

propôs aos países mais pobres e populosos do mundo um esforço social maior, para erradicar o analfabetismo. A UNESCO considerou esse ano como um marco, o que o fez tornar-se conhecido como o Ano Internacional da Alfabetização.

Conforme Libâneo (2003, p.163):

O pano de fundo da reforma educacional brasileira começou a delinear-se nos anos 90 com o governo de Fernando Collor de Melo, que assumiu a presidência da República e encetou a abertura do mercado brasileiro, a fim de inserir o País na trama mundial, ocasionando sua subordinação ao capital financeiro internacional. A atrelagem financeira ao mercado globalizado reflete-se nas demais dimensões da vida social, como as políticas públicas de âmbito social e, entre elas, especialmente.

2.5 E.J.A - Educação de Jovens e Adultos

No decorrer dos anos de 1980 e 1990 o método educacional deixa de ser tradicionalista, isso fez com que os educadores abordassem novas formas de ensinar, com a finalidade de ajudar na formação dos alunos, qualificando-os para ter um futuro melhor.

De acordo com CUNHA (1999), a década de 80 foi marcada pela difusão das pesquisas sobre língua escrita com reflexos positivos na alfabetização de adultos.

Em 1988, foi promulgada a Constituição, ampliando o dever do Estado sobre a EJA, o que veio a garantir ensino fundamental obrigatório e gratuito para todos.

A década de 90 não trouxe benefícios para a EJA, não houve apoio do Governo para a educação de jovens e adultos, culminando com o fechamento da Fundação Educar, nessa época houve um vácuo político em relação à educação de jovens e adultos, porém, alguns Estados e Municípios assumiram a responsabilidade em relação a estes alunos. A nível internacional foi reconhecida a importância da EJA para formação da cidadania, isso tudo promovido pela Unesco.

A EJA como direito à educação, garantido legalmente por países como Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e outros, é uma das problemáticas sociais menos resolvidas na América Latina. Mesmo tendo progredido quantitativamente em termos

de cobertura e ações realizadas, a EJA continua recebendo críticas, em relação ao seu financiamento, concepções teórico metodológicas, políticas e outros.

Albuquerque (2005) considera que, chegamos ao século XXI, com um índice elevado de brasileiros que ainda não dominam a leitura, nem escrita e nem operações matemáticas básicas, afirma ainda, que, são aproximadamente 20 milhões de analfabetos absolutos e passam de 30 milhões os analfabetos funcionais que chegaram a freqüentar uma escola, mas, por falta de uso da leitura e da escrita, retornaram à posição anterior. Chega ainda a casa de 70 milhões de brasileiros acima de 15 anos que não atingiram o nível mínimo de escolarização obrigatório pela Constituição. Para a autora esse público agora faz parte do demandatário da Educação de Jovens e Adultos.

De acordo com Ribeiro (1997), a mudança de pessoas analfabetas para alfabetizadas é um projeto político que se vem de longa data no Brasil, teve início na década de 30 e foi consolidado após a segunda guerra mundial, estabelecido por diversos programas federais. Esse processo ao longo da nossa história foi marcado pelo fracasso dessa tentativa de mudança.

A LDB – Lei de Diretrizes e Bases é constituída por metas que norteiam a EJA, Lei nº 9.394/96 deixa claro que a educação de jovens e adultos destina-se aqueles que não tiveram acesso ou condições de dar continuidade aos estudos no ensino médio e fundamental, a mesma deve ser gratuita, com uma proposta de ensino apropriada, levando em conta as características, interesses, condições de vida e trabalho no aluno.

De acordo com o Parecer 11/2000, a EJA possui três funções importantíssimas para educação de jovens e adultos descritas abaixo:

A primeira delas é a Reparadora, porque ao reconhecer a igualdade humana de direitos e o acesso aos direitos civis, pela restauração de um direito negado historicamente aos jovens e adultos em especial àqueles de origem social popular.

A EJA tem uma função reparadora, que significa não só ter acesso aos direitos civis através da restauração de um direito que foi negado: o da escola de qualidade, mas também o reconhecimento da igualdade de todo e qualquer ser humano.

Destacamos a função reparadora, que abrange a situação dos sujeitos da EJA aos quais foram negados principalmente o direito de “existir” como cidadãos socialmente ativos.

Para a garantia o reconhecimento dessa igualdade de oportunidade, acesso e permanência, o parecer mostra de forma clara a sua segunda Função a Equalizadora que ao propor a igualdade de oportunidades de acesso e permanência na escola. Neste sentido, se preocupa com a especificidade etária e sociocultural dos jovens e adultos atendidos no sistema educacional e destaca a necessidade de formulação de projetos pedagógicos específicos para a Educação de Jovens e Adultos.

A garantia do acesso e permanência com qualidade deve ser viabilizada com uma educação permanente, o parecer CEB2000, propôs uma terceira função que é Qualificadora que ao possibilitar a atualização permanente de conhecimentos e aprendizagens contínuas. Nesta perspectiva, o princípio norteador da educação de jovens e adultos passa a ser a equidade compreendida como: forma pela qual se distribuem os bens sociais de modo a garantir uma redistribuição e partilha em vista de criar relações sociais e humanas pautadas no respeito à dignidade e à diversidade do gênero humano e na garantia.

3 EVASÃO ESCOLAR

A evasão escolar tem sido debatida tanto no âmbito educacional quanto no político, muitos até questionam o papel da família na vida escolar da criança. Em relação à legislação brasileira, fica claro que a responsabilidade é da família e do Estado, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (1997:2):

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Em contrapartida o que vemos é que a educação não é plena, tanto no quesito estar ao alcance de todos, como no quesito conclusão de todas as etapas escolares. O debate sobre a evasão escolar tem sido assunto constante nas discussões do Estado e das organizações que lidam com políticas públicas e de pesquisa científica. Pesquisas mostram que o fator social é fundamental para evasão escolar, dentre os quais se destaca a desestruturação familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a criança e a própria escola.

Para Freitag (1980), dos 1000 alunos iniciais de 1960, somente 56 conseguiram alcançar o primeiro ano universitário em 1973. Isso significa taxas de evasão 44% no ano primário, 22% no segundo, 17% no terceiro. A elas se associam taxas de reprovação que entre 1967 e 1971 oscilavam em torno de 63,5%.

Dados oficiais da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC, 2000), afirma que no Estado do Mato Grosso no ano de 1995, a reprovação e a evasão escolar alcançavam o índice de 39%, e apenas 10% dos jovens na faixa de 15 a 19 anos estavam matriculados no ensino médio.

Brandão et al. (1983), destaca que, o fator mais importante para se compreender os determinantes do rendimento escolar, é a família do aluno, para ele quanto mais alto for o nível da escolaridade da mãe, mais tempo a criança permanece na escola e maior é o seu rendimento. Para ele a família tem um papel determinante para o

fracasso da criança na escola, seja pelas condições de vida ou por não acompanhá-lo nas atividades da escola.

A tabela abaixo é uma amostragem das regiões brasileiras com pessoas a partir de 15 anos ou mais de idade e que são analfabetas, num total de 14. 105 pessoas entrevistadas no ano de 2009, é possível observar que as regiões norte e nordeste do Brasil apresentam taxas mais elevadas de analfabetismo.

Tabela 2.1 - Pessoas de 15 anos ou mais de idade, analfabetas, total e respectiva distribuição percentual, por grupos de idade e cor ou raça, segundo as Grandes Regiões - 2009

Grandes Regiões	Pessoas de 15 anos ou mais de idade, analfabetas										
	Total (1 000 pessoas)	Distribuição percentual (%)									
		Grupos de idade						Cor ou raça			
		Total	15 a 24 anos	25 a 39 anos	40 a 59 anos	60 a 64 anos	65 anos ou mais	Total (1)	Branca	Preta	Parda
Brasil	14 105	100,0	4,6	17,4	35,4	9,7	32,9	100,0	30,2	10,2	58,8
Norte	1 136	100,0	5,9	20,2	36,3	8,9	28,7	100,0	16,0	7,7	74,8
Nordeste	7 361	100,0	5,4	20,6	37,4	8,9	27,8	100,0	21,8	9,5	68,3
Sudeste	3 584	100,0	3,4	12,1	31,5	11,2	41,8	100,0	40,5	13,5	44,8
Sul	1 185	100,0	3,7	13,2	34,2	9,8	39,1	100,0	63,9	6,5	28,7
Centro-Oeste	840	100,0	2,2	14,2	34,3	11,9	37,4	100,0	31,1	10,5	57,0

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

(1) Excluídas as pessoas de cor ou raça amarela e indígena.

Arroyo (1991) destaca que as desigualdades sociais, se tornam um marco para o fracasso escolar, nas classes menos favorecidas, uma vez que:

É essa escola das classes trabalhadoras que vem fracassando em todo lugar. Não são as diferenças de clima ou de região que marcam as grandes diferenças entre escola possível ou impossível, mas as diferenças de classe. As políticas oficiais tentam ocultar esse caráter de classe no fracasso escolar, apresentando os problemas e as soluções com políticas regionais e locais.

Já Silva (1978), aborda a desnutrição como uma das causas para o fracasso escolar:

"desnutrição pregressa, mesmo moderada, é uma das principais causas da alteração no desenvolvimento mental, e mau desempenho escolar. As crianças desnutridas se tornam apáticas, solicitam menos atenção daqueles que as cercam e, conseqüentemente, por não serem estimuladas, têm seu desenvolvimento prejudicado".

Pesquisa realizada por alguns autores mostram que em grande parte da literatura brasileira, a criança é responsabilizada por seu fracasso escolar, seja pela má alimentação, pela pobreza, pela falta de esforço ou interesse.

Bourdieu (1998) diz o seguinte:

"os professores partem da hipótese de que existe, entre o ensinante e o ensinado, uma comunidade linguística e de cultura, uma cumplicidade prévia nos valores, o que só ocorre quando o sistema escolar está lidando com seus próprios herdeiros".

Na sala de aula o professor também é responsável pelo fracasso escolar de seus alunos, uma vez que esse não leva em consideração o capital cultural de cada educando, e este muitas vezes rotula alguns alunos como "deficientes", à medida que suas expectativas como professor não são atingidas.

Os que abandonam a escola o fazem por diversos fatores de ordem social e econômica, mas também por se sentirem excluídos da dinâmica de ensino e aprendizagem. Nesse processo de exclusão, o insucesso na aprendizagem matemática tem tido importante papel destacado e determina a freqüente atitude de distanciamento, temor e rejeição em relação a essa disciplina, que parece aos alunos, inacessível e sem sentido. (BRASIL, 2002, p. 13)

A tabela abaixo faz parte do censo realizado pelo IBGE no ano de 2009 e traz amostragem dos anos de estudo nas regiões brasileiras, das pessoas com 10 anos ou mais de idade, podemos ver que os índices mais elevados estão nas regiões sul e sudeste do Brasil, enquanto os menores índices nas regiões norte e nordeste.

**Tabela 2.10 - Média de anos de estudo das pessoas de 10 anos ou mais de idade,
por grupos de idade, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e
as Regiões Metropolitanas - 2009**

(continua)

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Média de anos de estudo das pessoas de 10 anos ou mais de idade, por grupos de idade						
	10 anos	11 anos	12 anos	13 anos	14 anos	15 anos	16 anos
Brasil	2,4	3,2	4,1	4,9	5,7	6,6	7,4
Norte	2,2	2,9	3,7	4,5	5,2	6,0	6,7
Rondônia	2,3	3,3	3,9	4,9	5,5	6,2	7,0
Acre	2,4	3,1	3,8	4,5	6,0	6,9	7,6
Amazonas	2,1	2,7	3,6	4,5	5,1	6,1	6,8
Roraima	2,4	(1) 2,9	4,3	5,2	(1) 6,0	(1) 6,8	(1) 7,6
Pará	2,1	2,8	3,7	4,3	4,9	5,7	6,3
Região Metropolitana de Belém	2,2	3,2	3,9	4,7	5,4	6,4	7,2
Amapá	(1) 2,5	(1) 3,2	(1) 4,2	(1) 5,1	(1) 5,8	(1) 7,0	(1) 7,1
Tocantins	2,4	3,3	3,9	4,8	6,1	6,6	7,2
Nordeste	2,2	3,0	3,7	4,5	5,2	5,9	6,6
Maranhão	2,1	2,8	3,5	4,3	4,9	6,0	6,7
Piauí	2,1	2,8	3,5	4,6	4,9	5,6	6,1
Ceará	2,3	3,1	4,0	4,8	5,7	6,4	7,2
Região Metropolitana de Fortaleza	2,3	3,3	4,1	4,9	5,8	6,5	7,3
Rio Grande do Norte	2,2	2,9	3,9	4,5	5,1	6,0	6,9
Paraíba	2,0	3,1	3,7	4,6	5,5	6,0	6,6
Pernambuco	2,3	3,0	3,8	4,6	5,2	6,0	6,7
Região Metropolitana de Recife	2,2	3,3	4,1	4,9	5,9	6,3	7,2
Alagoas	2,3	2,8	3,6	4,1	4,6	5,7	6,3
Sergipe	2,0	2,9	3,6	3,9	5,2	5,6	6,6
Bahia	2,2	3,0	3,8	4,5	5,2	5,8	6,5
Região Metropolitana de Salvador	2,4	3,2	4,0	4,6	5,3	6,2	6,6
Sudeste	2,4	3,3	4,2	5,1	6,1	6,9	7,8
Minas Gerais	2,1	3,2	4,0	4,8	5,9	6,6	7,6
Região Metropolitana de Belo Horizonte	2,0	3,0	4,0	4,8	6,0	6,8	7,7
Espírito Santo	2,3	3,2	4,1	5,0	6,1	6,5	7,8

Rio de Janeiro	2,1	2,9	3,8	4,7	5,5	6,4	7,2
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	2,3	3,0	3,9	4,8	5,6	6,5	7,3
São Paulo	2,7	3,6	4,5	5,5	6,4	7,4	8,1
Região Metropolitana de São Paulo	2,8	3,6	4,5	5,5	6,4	7,4	8,0
Sul	2,8	3,7	4,6	5,5	6,3	7,1	8,0
Paraná	2,8	3,8	4,6	5,5	6,4	7,2	8,2
Região Metropolitana de Curitiba	2,7	3,9	4,7	5,5	6,4	7,6	8,2
Santa Catarina	2,8	3,5	4,6	5,5	6,3	7,3	8,4
Rio Grande do Sul	2,7	3,7	4,4	5,4	6,2	6,8	7,7
Região Metropolitana de Porto Alegre	2,6	3,5	4,4	5,3	6,2	6,7	7,7
Centro-Oeste	2,5	3,4	4,3	5,1	6,0	6,9	7,7
Mato Grosso do Sul	2,7	3,6	4,2	5,1	5,7	6,5	7,2
Mato Grosso	2,4	3,3	4,1	5,0	6,0	7,0	7,6
Goiás	2,5	3,4	4,4	5,3	6,2	7,0	7,9
Distrito Federal	2,4	3,3	4,3	5,1	5,9	7,0	8,0

**Tabela 2.10 - Média de anos de estudo das pessoas de 10 anos ou mais de idade,
por grupos de idade, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e
as Regiões Metropolitanas - 2009**

(conclusão)

Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas	Média de anos de estudo das pessoas de 10 anos ou mais de idade, por grupos de idade					
	17 anos	18 anos	19 anos	20 a 24 anos	25 a 59 anos	60 anos ou mais
Brasil	8,1	8,7	9,2	9,6	7,9	4,2
Norte	7,4	8,0	8,6	8,9	7,4	3,2
Rondônia	7,8	8,5	9,1	9,2	7,1	2,9
Acre	7,8	8,5	8,4	8,9	7,5	2,7
Amazonas	7,9	8,2	8,5	9,3	8,0	3,6
Roraima	(1) 8,7	(1) 9,6	(1) 9,6	10,0	8,3	3,2
Pará	6,9	7,5	8,4	8,4	6,9	3,3
Região Metropolitana de Belém	7,5	8,5	9,3	9,4	8,6	5,4
Amapá	(1) 8,1	(1) 8,8	(1) 9,1	9,7	8,6	4,1
Tocantins	8,3	9,0	9,0	9,8	7,8	2,4
Nordeste	7,3	7,8	8,3	8,6	6,5	2,8
Maranhão	7,3	7,9	8,3	8,4	6,4	2,1
Piauí	6,8	7,5	8,4	8,5	5,9	2,4
Ceará	7,9	8,3	8,7	9,1	6,6	2,9
Região Metropolitana de Fortaleza	8,1	8,7	9,2	9,8	8,1	5,1
Rio Grande do Norte	7,1	7,9	8,3	8,4	6,8	3,0
Paraíba	7,3	7,3	8,1	8,3	6,2	3,1
Pernambuco	7,4	8,0	8,2	8,6	6,9	3,6
Região Metropolitana de Recife	8,1	9,0	9,2	9,9	8,6	5,7
Alagoas	6,7	7,4	8,2	8,0	5,7	2,3
Sergipe	7,0	7,8	7,8	8,8	6,8	3,3
Bahia	7,3	7,7	8,3	8,6	6,6	2,7
Região Metropolitana de Salvador	7,5	8,2	8,9	9,7	8,8	6,0
Sudeste	8,6	9,3	9,7	10,3	8,6	5,0
Minas Gerais	8,1	8,8	9,2	9,8	7,7	3,9
Região Metropolitana de Belo Horizonte	8,5	9,5	9,7	10,5	8,8	5,4

Espírito Santo	8,4	8,9	9,2	9,7	7,8	4,1
Rio de Janeiro	8,1	9,1	9,5	10,0	9,0	6,0
Região Metropolitana do Rio de Janeiro	8,3	9,2	9,6	10,2	9,3	6,4
São Paulo	9,0	9,7	10,2	10,6	9,0	5,0
Região Metropolitana de São Paulo	9,0	9,5	10,1	10,7	9,2	5,7
Sul	8,7	9,1	9,9	10,1	8,3	4,6
Paraná	8,7	9,2	10,0	10,1	8,3	4,2
Região Metropolitana de Curitiba	8,7	9,5	10,2	10,5	9,2	5,6
Santa Catarina	8,9	9,4	10,2	10,4	8,5	4,4
Rio Grande do Sul	8,6	8,9	9,5	9,9	8,2	5,0
Região Metropolitana de Porto Alegre	8,4	9,1	9,7	10,1	9,0	6,1
Centro-Oeste	8,6	9,0	9,6	10,0	8,2	3,9
Mato Grosso do Sul	8,3	8,5	9,4	9,6	7,7	3,3
Mato Grosso	8,6	8,8	9,5	9,6	7,7	3,2
Goiás	8,4	9,1	9,4	9,9	7,8	3,4
Distrito Federal	9,0	9,5	10,0	10,8	10,0	6,8

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

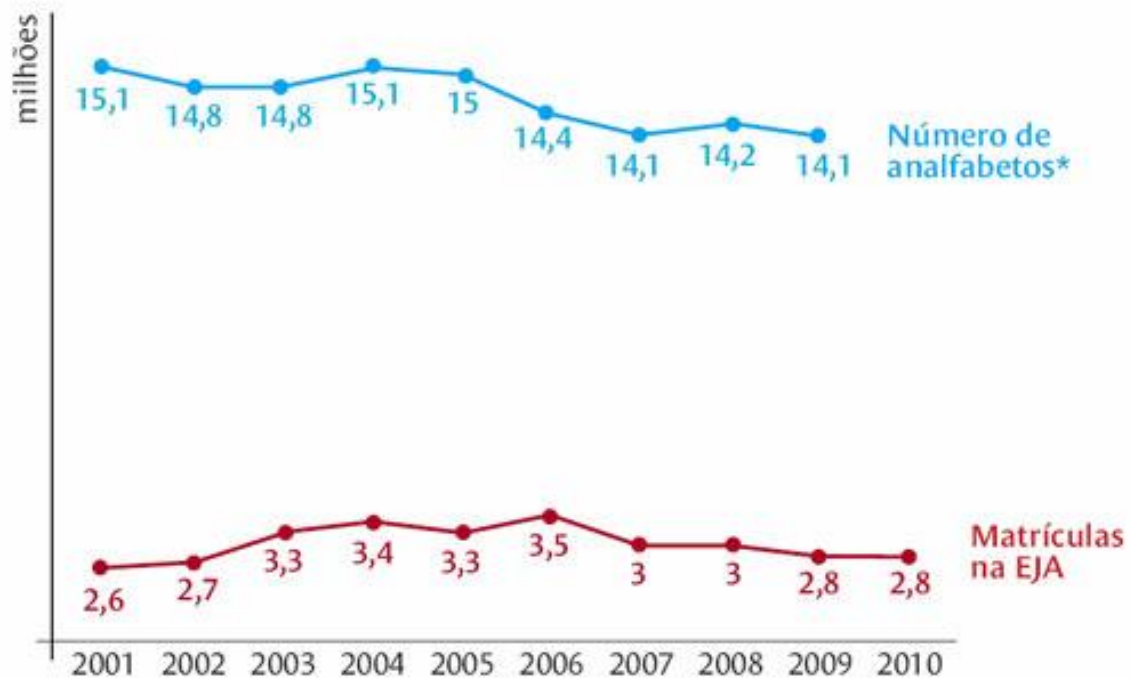
(1) Dados sem significância estatística.

3.1 Evasão escolar na educação de jovens e adultos

Para vários pesquisadores a evasão na EJA se dá por diversos fatores: sociais, culturais, políticos, econômicos e pedagógicos. O maior desafio atualmente tem sido a permanência de jovens e adultos neste programa de aprendizado.

Uma contradição preocupante

Enquanto as matrículas na EJA caem, os analfabetos são 14,1 milhões



* NÚMERO DE 2010 NÃO DIVULGADO PELO IBGE
FONTES EDUDATA, CENSO ESCOLAR 2010 E IBGE

Santos (2007), realizou uma pesquisa sobre a permanência dos jovens e adultos na escola, e salienta que é necessário pensar na método pedagógico da EJA, com o intuito de incluir o educando no desenvolvimento da sociedade. Desta forma cabe ao educador, despertar o interesse nesse aluno em participar e principalmente aprender, deixando para trás esse fracasso escolar e recuperando seu objetivo social.

É importante lembrar que o aluno da EJA é diferente dos demais, é um aluno inseguro, e que trás consigo uma vida com derrotas no processo escolar, para Santos qualquer decepção por menor que seja, é preponderante para a evasão escolar.

...os jovens e adultos continuam vistos na ótica das carências escolares: não tiveram acesso, na infância e na adolescência, ao ensino fundamental, ou dele foram excluídos ou dele se evadiram; logo propiciemos uma segunda oportunidade. (ARROYO, 2006, p.23).

Pesquisadores do tema, afirmam que os motivos para o abandono escolar podem ser ilustrados quando o jovem e adulto deixam a escola para trabalhar; quando as condições de acesso e segurança são precárias; os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir; evadem por motivo de vaga, de falta de professor, da falta de material didático; e também abandonam a escola por considerarem que a formação que recebem não se dá de forma significativa para eles.

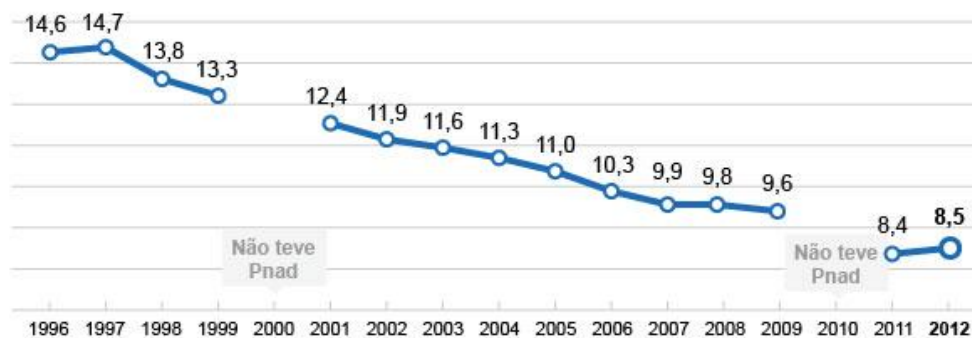
Especialistas apontam que se faz necessário uma mudança curricular na EJA, visto que o mesmo não passa de uma adequação dos conteúdos do ensino fundamental. Uma vez que a demanda específica desse público são ignoradas, a evasão escolar continua a aumentar.

Analfabetismo no Brasil

% de pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetas

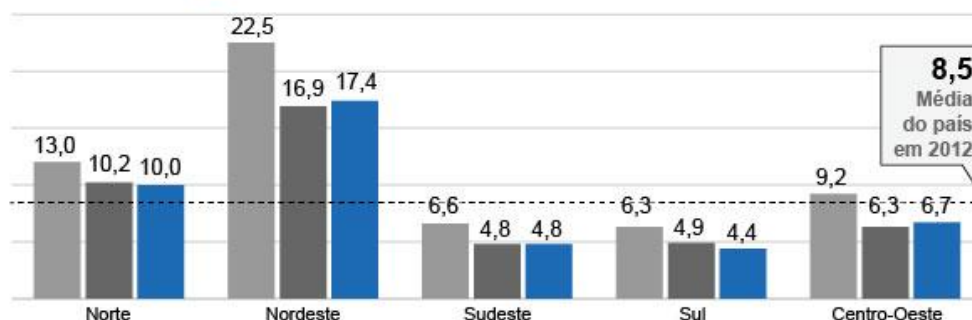
Taxa de analfabetismo

Houve estagnação na queda do número de analfabetos no Brasil. Há 300 mil novos analfabetos em relação à pesquisa de 2011



Analfabetismo por região

■ 2004 ■ 2011 ■ 2012



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2011-2012

4 METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

São muitos os percalços que fazem com que uma pessoa chegue à fase adulta sem saber ler ou escrever. De acordo com alguns pesquisadores, muitos tiveram que trabalhar ainda criança, e não conseguiam conciliar trabalho e escola, outros pelo fato dos pais também serem analfabetos e não ter incentivo em casa, algumas mulheres engravidaram ainda adolescentes e largaram a escola para cuidarem dos filhos e existem também aqueles que não tinham escola perto de casa. Esses alunos viveram um processo social excludente que já se alastra no decorrer da história do Brasil.

Muitas dessas pessoas vêm na EJA uma forma de conseguirem uma melhor condição de vida e recuperar de certa forma, o “tempo perdido”.

Atualmente o método de ensino utilizado busca a interação entre professor e aluno, gerando alternativas que se diferem do método tradicional, visto que, esse aluno tem uma necessidade diferente dos demais.

[...] contribuir para a formação de cidadãos democráticos mediante o ensino dos direitos humanos, o incentivo à participação social ativa e crítica, o estímulo à solução de conflitos e a erradicação dos preconceitos culturais e da discriminação, por meio de uma educação intercultural; Promover a compreensão e a apropriação dos avanços científicos, tecnológicos e técnicos, no contexto de uma formação de qualidade, fundamentada em valores solidários e críticos, em face do consumismo e do individualismo; [...] Incentivar educadores e alunos a desenvolver recursos de aprendizagem diversificados, utilizar os meios de comunicação de massa e promover a aprendizagem dos valores de justiça, solidariedade e tolerância, para que se desenvolva a autonomia intelectual e moral dos alunos envolvidos na EJA. (CADERNO DE DIRETRIZES)

O professor deve utilizar das experiências vividas por cada um desses alunos, contextualizando-as e trazendo para o ambiente de sala de aula, despertando neles o exercício da cidadania.

É muito importante que o método de ensino da EJA se difira do tradicional, uma vez que, esse aluno foi discriminado no sistema de ensino tradicional, o qual não lhe forneceu conhecimento intelectual para que pudesse crescer como ser humano, com toda a dignidade que é proposta pela Constituição Brasileira.

Segundo Coll (1994), uma aprendizagem é significativa se o novo material de aprendizagem relaciona-se de forma substantiva e não arbitrária com o que o aluno já sabe, ou seja, se assimilado à sua estrutura cognoscitiva, ao contrário temos uma aprendizagem memorística, repetitiva ou mecânica e muitas vezes temporária.

O aluno por sua vez deve estar receptivo a aprender e motivado para relacionar o que já sabe com o que está sendo ensinado.

4.1 A formação do professor na educação de jovens e adultos

A prática de sala de aula, não apenas da aula de leitura, não propicia a interação entre professor e aluno. Em vez de um discurso que é construído conjuntamente por professores e alunos, temos primeiro uma leitura silenciosa ou em voz alto do texto, e depois, uma série de pontos a serem discutidos, por meio de perguntas sobre o texto, que não leva em conta se o aluno de fato o compreendeu. Trata-se, na maioria dos casos, de um monólogo do professor para os alunos escutarem. Nesse monólogo o professor tipicamente transmite para os alunos uma versão, que passa ser a versão autorizada do texto. (Kleiman, 2000)

O professor que trabalha alfabetização de jovens e adultos deve ser bem preparado, estar consciente de seu papel político na formação desses alunos, desta forma ele conseguirá mantê-los na escola, através de aulas dinâmicas que os levem para além da sala de aula, conciliando o aprendizado empírico com o intelectual, aproveitando as diversas experiências adquiridas no cotidiano de cada um desses alunos.

Professores que se dedicam a essa modalidade de ensino, conseguem reduzir o índice de evasão escolar nos cursos de alfabetização.

É preciso trabalhar a leitura em um sentido de construir significados e não somente buscar significados, o que de fato ocorre nas escolas, através de atividades de

leitura em que a participação do aluno seja fundamental, observando o grau de dificuldade tanto gramatical quanto a compreensão que eles apresentam, pois dessa forma haverá o aprimoramento do conhecimento cognitivo e linguístico. Portanto, torna-se relevante de forma clara a ampla variedade de informações que o texto pode proporcionar através de uma leitura significativa e proveitosa sem dispensar a participação do leitor.

Pesquisas apontam que um professor mal preparado e que tenha toda infraestrutura necessária para realização de seu trabalho, continuará a ministrar aulas tradicionais fazendo com que o aluno venha evadir.

O papel do professor na EJA é incentivar os alunos, mostrando aos mesmos que não há motivos em se ter vergonha, mas sim orgulho em voltar às salas de aula. Diante de tudo o que foi exposto, cabe ao professor repensar sobre o seu papel na alfabetização de jovens e adultos, contribuindo para uma educação e formação de qualidade.

4.2 Educação de jovens e adultos no Espírito Santo

No ano de 2007 foi elaborado pela Secretaria de Estado da Educação um caderno de diretrizes, que contou com a participação de 1500 pessoas, que envolveu, de educadores a alunos, em seminários descentralizados que ocorreram em cada Superintendência Regional de Educação.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade específica da Educação Básica que se propõe a atender um público ao qual foi negado o direito à educação, durante a infância e/ou adolescência, seja pela oferta irregular de vagas, seja pelas inadequações do sistema de ensino ou pelas condições socioeconômicas desfavoráveis. (CADERNO DE DIRETRIZES, 2007, p.17)

Essas diretrizes foram colocadas ao alcance das Secretarias de Educação, das escolas e dos movimentos sociais, para que as mesmas sejam consultas para que sirvam de parâmetro, contribuindo assim para melhorar os padrões de ensino.

De acordo com o Caderno de Diretrizes (2007), os objetivos da Secretaria de Educação do Estado são:

Ofertar a educação de jovens e adultos como modalidade de ensino da educação básica, promovendo a escolarização nas etapas Fundamental e Médio nas escolas da rede estadual de ensino do Estado do Espírito Santo.

Proporcionar aos jovens e adultos o efetivo direito ao conhecimento, possibilitando-lhes o acesso, permanência e a participação no mundo letrado, na resolução dos problemas da vida cotidiana e na melhoria da qualidade do trabalho, para o exercício da cidadania.

Assegurar aos jovens e adultos, oportunidades educacionais pautadas nas necessidades básicas, nas expectativas, considerando as características de condições de vida, motivando e ampliando conhecimentos do mundo, da cultura, da língua que se fala e se escreve e da matemática de uso social.

De acordo com o censo realizado pelo IBGE, no ano de 2010, a taxa de analfabetismo no Brasil está em declínio de 13,6% para 9,6% e no sudeste de 8,1% para 5,4% e no Espírito Santo de 10,9% para 8,0%; ou seja, menor que o índice nacional.

A Secretaria de Educação vem ampliando a oferta da EJA no Estado e isso tem se refletido na queda do analfabetismo no Espírito Santo, que tem sido de forma progressiva.

A meta da Secretaria juntamente com o Governo do Estado é reduzir aproximadamente em 30% o índice de analfabetismo no Espírito Santo.

5 PESQUISA, ANÁLISE E RESULTADOS

5.1 Pesquisa de Campo

Os olhos com que revejo já não são os olhos com que vi. Ninguém fala do que se passou a não ser na e da perspectiva do que passa. (FREIRE, 2003)

Citando Freire e tomando como base a citação acima, no dia 06 de junho de 2014, foi realizada uma visita a escola ensino médio, no bairro Eldorado – Serra/ES, que oferece a modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

A pesquisa de campo tem por finalidade confirmar o que foi afirmado por diversos autores independente do campo de estudo.

Minayo (1994) em seu livro Pesquisa Social, afirma que, definindo bem o campo de interesse, nos é possível partir para um rico diálogo com a realidade.

Os métodos utilizados foram pesquisa qualitativa, que é indutiva, o pesquisador desenvolve conceitos, idéias a partir dos padrões encontrados nos dados, e pesquisa quantitativa que considera a análise dos dados coletados e os expressa de forma estatística, bem como pesquisa bibliográfica.

Sobre esses métodos de pesquisa, qualitativa e quantitativa Richardson as define em seu livro Pesquisa Social: métodos e técnicas das seguintes formas:

Pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. [...] Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 1994)

Pesquisa quantitativa:

Trata-se aqui da análise propriamente dita. Como etapa final, é elaborada uma síntese interpretativa através de uma redação que possa dialogar temas como objetivos, questões e pressupostos da pesquisa. (MINAYO, 1994)

A pesquisa bibliográfica é importante e necessária para embasamento teórico, principalmente no que se refere à área educacional:

Ao elaborar um projeto científico, o pesquisador está lidando, ao mesmo tempo, com pelo menos três dimensões importantes que estão interligadas: dimensão técnica, dimensão ideológica e dimensão científica. (MINAYO, 1994)

5.1.1 A escola

A escola de ensino médio, atende cerca de 1.347 (mil trezentos e quarenta e sete) alunos matriculados. Esta divisão se estende pelos diversos níveis de ensino, da seguinte forma, no ensino fundamental I (1º ao 5º ano/ 4ª série) são 457 alunos; no ensino fundamental II (5ª a 8ª série) são 443 alunos; na educação de jovens e adultos – EJA (1º e 2º Segmento) são 210 alunos; ainda na educação de jovens e adultos – EJA (Ensino médio) são 143 alunos; no curso técnico em administração são 94 alunos.

Na educação de jovens e adultos (EJA) o 1º e 2º seguimento são compostos por idade e etapa, e o ensino médio também por idade e etapa.

5.1.2 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos das pesquisa são alunos e professores da escola citada acima, que oferece a modalidade de educação de jovens e adultos. Foram entrevistados sete alunos com faixa etária diferente e três professores, sendo que, dois além da graduação em letras possui também pedagogia e um professor graduado em matemática. Todos os professores para trabalhar com a EJA necessitaram realizar uma formação na área.

5.1.3 Entrevista com professores

Em relação à formação profissional, tempo de atuação no magistério, tempo de atuação na EJA, especialização realizada para trabalhar com a educação de jovens e adultos e se em sala de aula usa algum autor específico voltado para a EJA, obtivemos às seguintes respostas:

Professor (a) “1” – Graduação em letras (português) exerce o magistério há doze anos e há oito anos atua na Educação de Jovens e Adultos, tem pós-graduação em lingüística aplicada, para trabalhar com a EJA realizou uma formação continuada em educação de jovens e adultos e em sala de aula não usa nenhum autor específico, usa apenas a proposta curricular estadual.

Professor (a) “2” – Graduação em letras (português, inglês) e pedagogia, exerce o magistério há quatorze anos e há um ano atua na Educação de Jovens e Adultos, pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos, e em sala de aula a base teórica que usa é composta pelos seguintes autores: Paulo Freire, Libânio, Vigotsky.

Professor (a) “3” – Licenciatura em matemática e pedagogia, exerce o magistério há nove anos e há cinco anos atua na Educação de Jovens e Adultos, tem pós-graduação em Gestão Educacional e para trabalhar com a EJA fez cursos normais voltados para esta área, em sala de aula usa como base teórica os seguintes autores: Piaget, Vigotsky e Paulo Freire.

Quanto as perguntas sobre recursos didáticos utilizados, quais as maiores dificuldades encontradas na EJA, se na opinião deles a didática está relacionada à evasão escolar, obtivemos as seguintes respostas:

Professor (a) “1” – Os recursos didáticos que usa em sala de aula são: quadro, jogos, livros didáticos e biblioteca, diz que a maior dificuldade na EJA, é a falta de comprometimento por parte dos alunos e ressalta que a didática de certa forma é responsável sim pelo alto índice de evasão escolar.

Professor (a) “2” – Os recursos didáticos que usa em sala de aula são: apostila, vídeos, computador entre outros, sobre as maiores dificuldades encontradas na EJA não opinou, acredita que não somente a didática está relacionada com a evasão escolar, mas também a escola em si, pois possui inúmeros problemas que levam a desmotivação do educando.

Professor (a) “3” – Os recursos didáticos que usa em sala de aula são: vídeo aulas, informática, lousa e atividades xerocadas, considera que as maiores dificuldades encontradas na EJA é ter que vencer o cansaço do dia-a-dia; as salas com iluminação inadequada e também pondera que o tempo de estudo é muito curto

para a quantidade de conteúdos a serem ministrados, pondera também que o aluno deve perceber o paralelo que existe entre o conteúdo ministrado e o mercado de trabalho, e a aula deve ser atrativa e agradável para ele, desta forma o índice de evasão escolar seria mais baixo.

Quanto à visão do professor em relação a EJA, foi respondido o seguinte:

Professor (a) “1” – Diz que a EJA, traz grandes benefícios para os alunos que estão afastados da escola por um bom período e por algum motivo.

Professor (a) “2” – Acredita que a EJA é uma oportunidade para quem não concluiu os estudos.

Professor (a) “3” – Ressalta que a EJA é uma oportunidade para adquirir conhecimento e uma forma de ingressar no mercado de trabalho, promovendo assim a inclusão social.

5.1.4 Entrevista com alunos

Perguntamos a idade de cada aluno, se trabalha, com que e qual o horário, os motivos que os levaram a “parar” os estudos, e porque ingressaram na EJA, e obtivemos as seguintes respostas:

Aluna “1” – Tem dezoito anos de idade, trabalha como baba das 11hr00 às 18hr00, ressalta que nunca parou de estudar e os motivos que a levaram a ingressar na EJA é a oportunidade de concluir os estudos e aprender.

Aluna “2” – Tem quarenta anos de idade, trabalha como merendeira em período integral, parou de estudar porque precisava trabalhar para ajudar os pais, para ela a EJA é a oportunidade para ter um futuro melhor.

Aluna “3” – Tem vinte e sete anos de idade, não trabalha, parou de estudar por motivos pessoais, ingressou na EJA com o objetivo de ter um futuro melhor.

Aluno “4” – Tem quarenta e dois anos de idade, trabalha com artesanato e não tem hora para começar e terminar, segundo ele faz em qualquer hora, por amor, por paixão e pelo “din din” (dinheiro), parou de estudar por malandragem, ingressou na EJA para concluir o ensino médio e quer estudar biologia marinha.

Aluna “5” – Tem sessenta e cinco anos de idade, trabalha como cabeleireira há quarenta anos, trabalha em casa e faz seu próprio horário. Não teve oportunidade para estudar quando criança, pois foi criada em um sítio, sempre teve vontade de estudar e viu na EJA a oportunidade para manter a mente “boa” e para preencher o tempo, já que é sozinha.

Aluna “6” – Tem sessenta e dois anos de idade, não trabalha, entrou na EJA para realizar um sonho, pois teve que interromper os estudos devido ter formado uma família para cuidar.

Aluna “7” – Tem trinta e nove anos, trabalha com logística em período integral, parou de estudar por enfrentar situações difíceis na adolescência, viu na EJA a chance de concluir o ensino médio e com isso conseguir um emprego melhor.

Em relação à visão que eles tem para o futuro, qual o tipo de aula que mais os agrada, e qual a maior dificuldade que encontram em sala de aula, responderam o seguinte:

Aluna “1” – Sua visão para o futuro são pessoas competentes e profissionais adequados, as disciplinas que mais gosta são: português, química, biologia e inglês, a maior dificuldade que encontra na sala de aula é a conversa em excesso.

Aluna “2” – Sua pretensão para o futuro é cursar uma faculdade, a disciplina que mais gosta é matemática, e a maior dificuldade que encontra em sala de aula é a bagunça e conversa em excesso.

Aluna “3” – Para o futuro pretende encontrar um emprego com possibilidade de crescimento profissional, as disciplinas que mais gosta são: português e matemática, a maior dificuldade que encontra na sala de aula é o barulho (bagunça).

Aluno “4” – Sua visão para o futuro está ligado à sustentabilidade, a disciplina que mais gosta é biologia, a maior dificuldade que encontra na sala de aula é a bagunça, ele ressalta que os professores ficam sem “jeito” para continuar a aula.

Aluno “5” – Seu objetivo para o futuro é ajudar pessoas que não tem oportunidade de estudar, para ela isso é um motivo de orgulho e ajudar o próximo a faz se sentir forte, as disciplinas que mais aprecia são geografia, história e arte, a maior

dificuldade que encontra na sala de aula é a matemática e para amenizar a situação está fazendo aula de reforço.

Aluna “6” – Sua meta para o futuro, é continuar estudando fazer um curso superior em Serviço Social ou Teologia e com isso crescer profissionalmente, gosta de todas as disciplinas, para ela não existe dificuldade em sala de aula, ressalta que se dá bem com todos os colegas de classe e professores e que acima de qualquer dificuldade, a vontade de vencer é maior.

Aluna “7” – Para o futuro ela quer “correr atrás do prejuízo” e deseja que o futuro seja bom com as pessoas analfabetas e que todos possam construir um país melhor, a disciplina que mais gosta é química, a maior dificuldade que encontra é a aula de matemática.

Foi perguntado aos alunos de qual forma eles aprendem melhor, foi nos respondido o seguinte:

Aluna “1” – Aprende melhor com trabalhos e a forma como o conteúdo é explicado.

Aluna “2” – Aprende melhor com trabalhos e quando os conteúdos são aplicados de forma “melhor”.

Aluna “3” – Para ela os trabalhos escolares são a melhor forma de aprender.

Aluno “4” – Diz que aprende melhor através de vídeo aula.

Aluna “5” – Para ela a melhor forma de aprender é escrevendo e lendo, isso ajuda a desenvolver o conhecimento adquirido.

Aluna “6” – Argumenta que a melhor forma para aprender é a teoria com prática, pois isso ajuda a não se “perder no caminho”, e continua dizendo: “infelizmente o sistema não proporciona ensino de qualidade que busco para o meu conhecimento”.

Aluna “7” – Aprende melhor quando presta atenção no professor e quando faz mais trabalhos e menos provas.

5.2 Análise e resultados

5.2.1 Análise da entrevista com os professores

Soek (2010), diz que, o alfabetizador é percebido não como um técnico que se limita a cumprir o que os outros ditam fora da escola... Nessa perspectiva, ocorre que o alfabetizador de jovens e adultos e os próprios alfabetizados precisam se ver e se reconhecerem enquanto sujeitos históricos e sociais da dinâmica educacional.

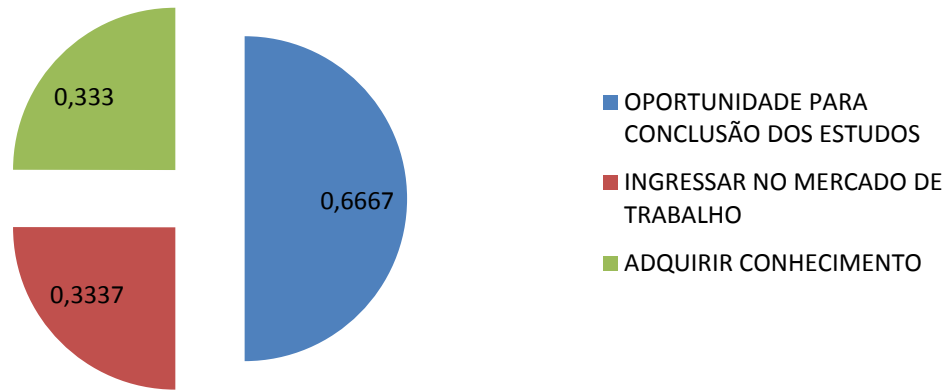
Paulo Freire aborda sobre os saberes socialmente construído, que se trata dos conhecimentos que o educando traz “do seu mundo” e de tudo que o cerca. É nesse sentido que o educador pode iniciar o ensino, usando as realidades vividas pelo educando, para discutir algo mais aprofundado.

A tabela abaixo traz a média de atuação dos professores no mercado. Em relação ao exercício do magistério podemos ver que os mesmos possuem bastante tempo de atuação e em relação à Educação de Jovens e Adultos podemos afirmar que o tempo de atuação nesta área é recente.

TEMPO (ANOS) DE PROFISSÃO/ATUAÇÃO NA EJA	
MÉDIA NO MAGISTÉRIO	11,67 ANOS
MÉDIA NA EJA	4,67 ANOS

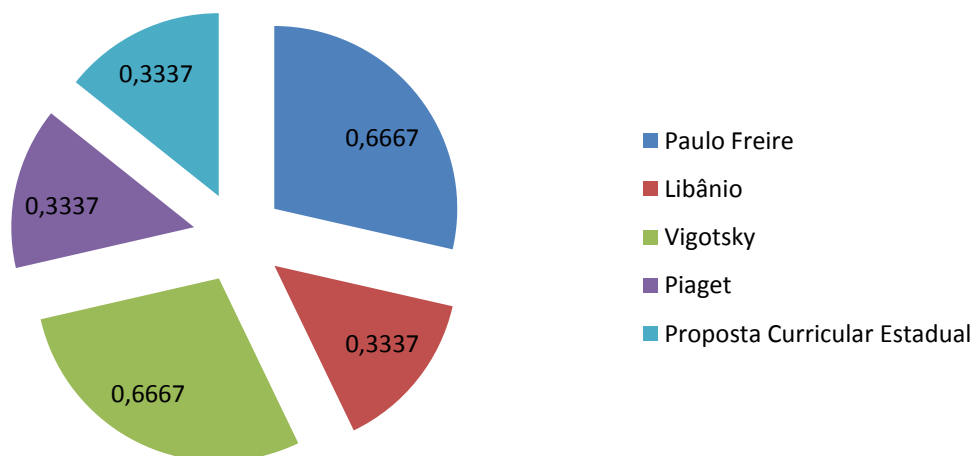
Em relação à pergunta da visão do professor sobre a EJA, obtemos os seguintes resultados: 33% dos professores consideram que a EJA é uma oportunidade para adquirir conhecimento, 33% consideram que a EJA é uma oportunidade para se ingressar no mercado de trabalho e 66% consideram que a EJA é uma oportunidade para conclusão dos estudos. Conforme gráfico abaixo:

O QUE A EJA REPRESENTA NA VISÃO DO PROFESSOR



Quanto à metodologia usada na EJA e autores que os professores utilizam como base teórica, obtivemos os seguintes resultados: 33% utilizam proposta curricular estadual, 33% utilizam Piaget, 66% utilizam Paulo Freire, 33% utilizam Libânio e 66% Vigotsky, conforme gráfico abaixo.

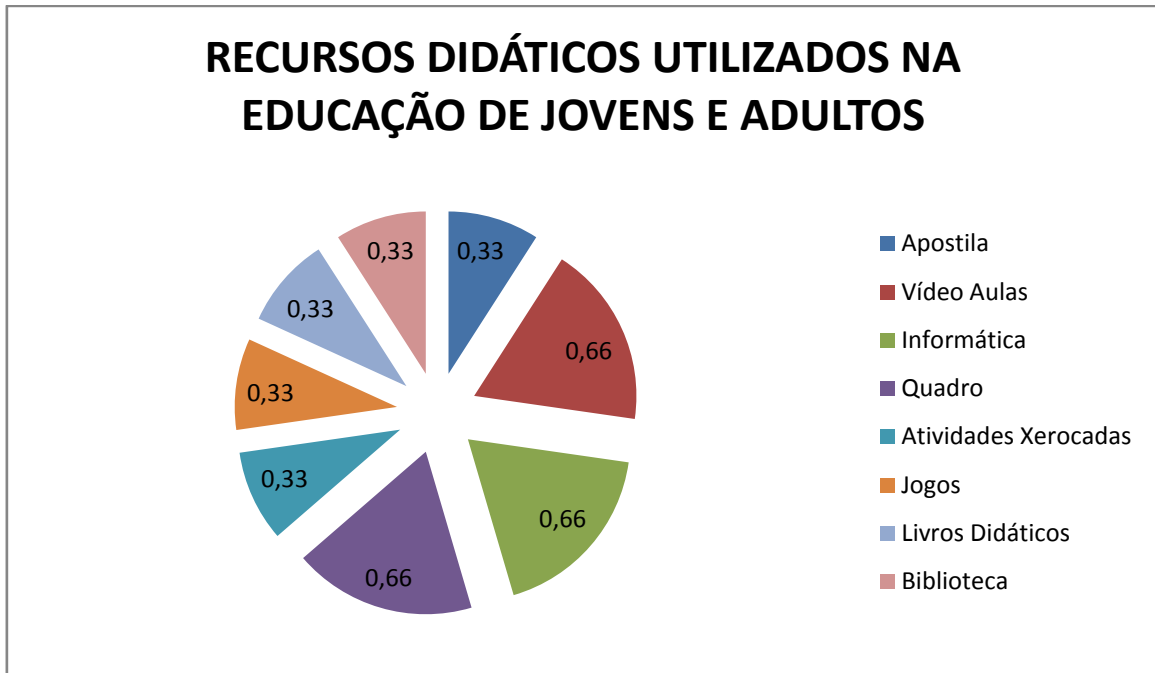
BASE TEÓRICA UTILIZADA NA EJA



A metodologia utilizada pelo professor na educação de jovens e adultos é de suma importância, uma vez que não existe uma “receita pronta”, pois cada aluno difere do outro no que se diz respeito à forma como aprendem, cabe ao professor tornar o método utilizado dinâmico e agradável, considerando a individualidade de cada aluno.

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vistas a que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo. Na verdade, meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo *a* ou *b*, não é apenas o de me esforçar para, com clareza máxima, descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. Ele precisa de se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça. É por isso, repito, que ensinar não é transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência.(FREIRE, 1989, p. 45).

Sobre os recursos didáticos utilizados para a educação de jovens e adultos segue abaixo os resultados, obtidos através da entrevista com os professores: 33% utilizam apostila, 33% utilizam a biblioteca, 33% utilizam atividades xerocadas, 33% utilizam jogos, 33% utilizam livros didáticos, 66% utilizam vídeo aulas, 66% utilizam informática (computador), 66% utilizam o quadro.



Os recursos didáticos utilizados durante a aula tem importância vital, para prender a atenção dos alunos, para tornar a aula mais agradável, levando em consideração a faixa etária desses educandos e também à rotina de trabalho que muitos tem durante o dia e o pouco tempo que os mesmos tem para aprender e assimilar os conteúdos ministrados em sala de aula.

Os recursos didáticos não podem ser utilizados como se fossem as aulas em si. Isto é, se o professor utilizar algum filme, deve interromper a projeção, fixar cenas, discutir com os alunos, fazer relatório.

Questionamos sobre a didática, se os professores consideram que a mesma é responsável pela evasão escolar, foi nos respondido o seguinte: 100% consideram que a didática de certa forma é responsável pelos altos índices de evasão escolar e 33% afirmam que não somente a didática, mas a escola também é responsável pela evasão, uma vez que a mesma apresenta diversos problemas.

As iniciativas e ações que ocorrem neste período passam a margem das reflexões e decisões a cerca de um referencial teórico para a área [...] essas hipóteses podem ser confirmadas através do comportamento de alguns educadores que durante muito tempo reagiram à idéia de mudar a forma de ensino para criança

adaptando-os através de recursos didáticos a jovens e adultos.
(MOURA, 2001, p.26)

Na educação de jovens e adultos o professor tem um papel fundamental, ele é responsável por despertar nesses alunos o interesse pelo novo, pelo saber, pela pesquisa e isso só é possível, quando o professor consegue aplicar o conteúdo e trazê-lo para a vivência de cada aluno, de forma lúdica, dinâmica e participativa.

5.2.2 Análise da entrevista com os alunos

Barcelos (2006) diz que, a exclusão é sem dúvida, uma forma de preconceito, é a negação do direito de aprender a ler e a escrever.

Nas entrevistas realizadas com os alunos da educação de jovens e adultos, observamos que: 85% dos entrevistados eram do sexo feminino, observamos que a sala de aula na EJA é composta por diferentes faixas etárias, a aluna mais nova tem dezoito anos e a mais velha sessenta e cinco anos de idade, 100% afirmou que a educação de jovens e adultos é para eles uma forma de ter um futuro melhor, 85% disse que a conversa paralela e a bagunça são as maiores dificuldades encontradas durante as aulas, 42% dos entrevistados dizem que a melhor maneira que encontram para aprender é através da realização de trabalhos escolares.

Oliveira (2007, p.88), fala sobre a metodologia a ser utilizada na educação de jovens e adultos ele afirma que o maior problema encontrado é a infantilização do adulto:

Esse é, possivelmente, um dos principais problemas que se apresentam ao trabalho na EJA. Não importando a idade dos alunos, a organização dos conteúdos a serem trabalhados e os modos privilegiados de abordagem dos mesmos seguem as propostas desenvolvidas para as crianças do ensino regular. Os problemas com a linguagem utilizada pelo professorado e com a infantilização de pessoas que, se não puderam ir à escola, tiveram e têm uma vida rica em aprendizagens que mereceriam maior atenção, são muitos.

Os recursos didáticos na educação de jovens e adultos funcionam como mediador entre o conteúdo a ser ministrado e o aluno, é muito importante que o aluno consiga visualizar o que está sendo ensinado em sua vida secular. O recurso didático é todo e qualquer material que visa facilitar o aprendizado e proporciona ao aluno absorver o conteúdo ministrado.

Com base nesse exemplo, reforça-se a importância de se propiciar um ensino dialógico pautado na conscientização da importância de ser e de estar nesse mundo e com o mundo, de forma a nele se inserir e não se adaptar como um objeto, mas como sujeito que conhece e tem poder de transformar a realidade em que vive por meio do trabalho e da participação livre e consciente. (SOEK, 2009, p.53)

Sobre os motivos que os levaram a evadir, constatamos o que já foram dito por diversos autores e que aqui já foi mencionado no capítulo 3, observamos que a evasão escolar tem uma ligação muito forte com a pobreza, observamos isto nos relatos dos entrevistados, uma aluna relatou que onde morava (sítio) não havia escola, alguns afirmam que pararam de estudar porque tinham que ajudar os pais em casa, mas esse não é o único motivo, tem também os que “formaram” família cedo e tiveram que optar entre os estudos e trabalho.

Observamos que muitos alunos entram na EJA para aprender a ler e a escrever, pelo menos para aprender a assinar o nome e diminuir a vergonha que sentem, outros para não ficarem sozinhos em casa.

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros – não importa se alfabetizando ou não [...] Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. (FREIRE, 1989, p. 17)

É preciso considerar as diferenças de cada aluno, bem como suas necessidades, a fim de se aplicar uma metodologia adequada, para que os mesmos sejam inseridos no contexto social, como cidadãos conscientes, considerando a experiência de cada aluno.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos todo o histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, pudemos verificar que ela está ligada aos interesses políticos e econômicos. É preciso ampliar os recursos destinados as políticas educacionais, principalmente no que se diz respeito a importância da EJA nas políticas educacionais, uma vez que esta modalidade de ensino foi tão segregada no decorrer da história no nosso país.

A Educação de Jovens e Adultos não pode ser vista e nem encarada como uma forma de compensar os anos de estudos perdidos, mas como uma modalidade de ensino destinada às pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir a educação básica em tempo normal. Muitos vêem a Educação de Jovens e Adultos como sendo uma maneira compensatória de dar oportunidade para que os mesmos possam concluir a sua escolaridade. Porém não deve ser encarada por essa perspectiva, pois eles têm um respaldo legal da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que diz que o Estado tem o dever de garantir a obrigatoriedade do ensino gratuito para todos, inclusive aos que não tiveram acesso a ele em idade própria. A educação para os jovens e adultos é um direito e não um favor.

É necessário repensar a metodologia utilizada na alfabetização dos jovens e adultos, uma vez que, ainda hoje os métodos utilizados na EJA, muitas vezes são os mesmos usados na alfabetização de crianças. Os professores juntamente com a equipe pedagógica devem utilizar o planejamento para programar aulas diferenciadas contextualizadas e interdisciplinares, utilizando os saberes e fazeres de cada aluno adaptando os conteúdos de acordo com o que eles vivenciam em sua realidade, em seu dia-a-dia. Mostrar na prática como que as disciplinas escolares são importantes e auxiliam na resolução de problemas, tornando as aulas mais dinâmicas, produtivas e interessantes.

Precisamos considerar que os sujeitos da EJA tem necessidades específicas, que abrange diretamente a sua faixa etária, muitos retornam às salas de aula em busca de qualificação para assim, angariarem um emprego melhor. O aluno não tem que se adaptar ao ensino, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, mas por se tratar de adultos que já chegaram à escola com objetivos traçados e determinados, o

ensino é que precisa ser articulado para adaptar-se as expectativas desses alunos, assim minimizando a evasão por motivo de insatisfação e não atendimento dos seus anseios.

Destacamos também que, o professor tem importância fundamental na erradicação da evasão escolar, conforme o que já foi dito por vários autores citados neste trabalho, não adianta a escola ter uma super estrutura e recursos didáticos atualizados se a didática utilizada pelo professor durante as aulas não provoca no aluno o interesse, a curiosidade em pesquisar e principalmente o desejo de tornar-se um cidadão socialmente atuante.

Portanto faz-se necessário repensar uma nova forma de ensino e aprendizado, colocando em prática metodologias atuais e diferenciadas de forma que possa atender as diferentes necessidades do aluno, considerando também o conhecimento adquirido por ele no decorrer de sua vida.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia. **Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ALMEIDA, Antônio Oliveira de. **O ensino público**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

ARROYO, M. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: GIOVANETTI, Maria Amélia, GOMES, Nilma Lino e SOARES, Leôncio (Orgs.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006, p.19-50.

ARROYO, Miguel G. (org.), PAIXÃO, Lia Pinheiro. CAMPOS, Rogério Cunha de. BRANDÃO, Carlos R. e HADDAD, Sérgio. **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Editora Loyola, 1991.

BELLO, José Luiz de Paiva. **Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL**. História da Educação no Brasil. Período do Regime Militar. *Pedagogia em Foco*, Vitória, 1993.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRANDÃO, Zaia et al. **O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil**. In *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 64, nº 147, maio/agosto 1983, p. 38-69.

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CADERNO DE DIRETRIZES. Disponível em: http://www.sedu.com.br/cartilha_eja_final. Acesso em: 20/05/2014.

COLL, Cesar et. al. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1996.

CUNHA, Conceição Maria da. **Introdução – discutindo conceitos básicos**. In: SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos. Brasília, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2 ed. rev. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 4ª ed., São Paulo: Moraes, 1980.

KLEIMAN, Ângela. **A concepção escolar da leitura**. In: Oficina de leitura. Teoria e Prática. 7ª ed. Campinas: Pontes, 2000.

LIBÂNEO, J. C; OLIVEIRA, J. F. et al. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003/2007. V. 1. 409 p.

MINAYO, M. C. de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOURA, Tania Maria de Mello. A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos: contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky. 4. ed. ver. ampl. Maceió: Edufal, 2001.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1987.

RIBEIRO, Vera M. Masagão et al. **Educação de jovens e adultos**: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental. São Paulo/Brasília: Ação Educativa/MEC-SEF, 1997.

SILVA, T. T. Identidades Terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Rio de Janeiro: Petrópolis/Vozes, 1978.

SOARES, Leôncio José Gomes. **A educação de jovens e adultos**: momentos históricos e desafios atuais. Revista Presença Pedagógica, v.2, nº11, Dimensão, set/out 1996.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Aprendendo com a diferença** – estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 1992.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOEK, Ana Maria. **Mediação pedagógica na alfabetização de jovens e adultos**. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

ANEXO

Questionário utilizado nas entrevistas com os professores:

No trabalho que ora desenvolvemos para a elaboração do nosso Trabalho de Conclusão de Curso, precisamos obter algumas informações acerca de sua visão sobre a importância da Didática na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tal, solicitamos a sua colaboração respondendo às questões abaixo.

Formação profissional: Tempo de atuação no magistério: ____ anos.

Tempo de atuação na EJA: ____ anos.

- 1- Como você professor (a) conceitua a Educação de Jovens e Adultos?
- 2- Fez alguma especialização para trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos? Se a resposta for sim, qual seria?
- 3- Trabalha com a Educação de Jovens e Adultos com base em algum autor?
- 4- Quais os recursos e material didático que você utiliza para a Educação de Jovens e Adultos?
- 5- Quais as maiores dificuldades que você encontra na atuação da Educação de Jovens e Adultos?
- 6- Na sua concepção, a Didática está relacionada com a evasão escolar? Por que?

Questionário utilizado nas entrevistas com os alunos:

ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Prezado(a) Aluno(a)

Precisamos obter algumas informações acerca de sua aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos. Por isso solicitamos a sua colaboração respondendo às questões abaixo:

Sexo:

Idade:

1- Qual o motivo que o(a) levou a ingressar na Educação de Jovens e Adultos?

2- Por que parou de estudar?

3- Qual a sua visão para o futuro?

4- Trabalha? Com o que? Em que horário?

5- Qual o tipo de aula que mais te agrada?

6- Qual a maior dificuldade encontrada em sala de aula?

7- De que forma você acha que aprende melhor?

Estrutura física da escola de ensino médio visitada na Serra – Espírito Santo

NÍVEL DE ENSINO/CURSO	SÉRIE	TURMA	Nº SALA	Nº ALUNO	METRAGEM DA SALA (m²)	CAPACIDADE DE MATRÍCULA Por limitação de alunos
1º Pavimento						
EJA 1º Segmento	1ª a 4ª	Etapa	01	36	53 m ²	40
EJA 2º Segmento	5ª	Etapa	02	43	53 m ²	40
EJA 2º Segmento	6ª	Etapa	03	38	53 m ²	40
2º Pavimento						
EJA 2º Segmento	7ª	Etapa	04	43	53 m ²	40
EJA 2º Segmento	8ª	Etapa	05	49	53 m ²	40
EJA EM	1ª	Etapa	06	46	53 m ²	40
EJA EM	2ª	Etapa	07	48	53 m ²	40
EJA EM	3ª	Etapa	08	49	53 m ²	40